

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS: TERRITÓRIOS DE (RE)EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

¹ Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Como citar este artículo:

Vasconcelos Pacheco Rios, J. A. (2020). Narrativas de experiências pedagógicas: territórios de (re)existências na formação docente. *Rutas de formación: prácticas y experiencias*, 11, 15-24. <https://doi.org/10.23850/24631388.n11.2020.3809>

Fecha de recepción: 2 de abril de 2020 / Fecha de aprobación: 5 de mayo de 2020

Resumo

O texto centra-se na discussão sobre a narrativa como território de (re)existências docentes fundadora de outros saberes e pedagogias no cotidiano da escola. A discussão fundamenta-se na ideia da construção de redes de formação pautadas em princípios que inscrevem os saberes da experiência no processo de narrar a vida-profissão a partir da horizontalidade, alteridade e autoria docente. O trabalho foi realizado a partir das aproximações epistemopolíticas com a Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica fundamenta nos estudos feitos por Suárez (2007) e, sobretudo, pela busca de outras epistemologias (Santos, 2010) que se inscrevem em narrativas de (re)existências. Trata-se de uma pesquisa narrativa com professores da Educação Básica da Bahia/Brasil. O texto dialoga com os processos de construção das narrativas de experiências pedagógicas em redes de formação a partir das aproximações com as teorizações de Santos acerca das ecologias dos saberes, das traduções interculturais e das artesanias da prática que entrecruzam a construção de uma outra política de conhecimento.

Palavras-chave: narrativas de (re)existências; experiências pedagógicas; formação docente; educação básica

¹ Pós-doutora em Educação. Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Brasil. E-mail: jhanrios1@yahoo.com.br

Narrativas de experiencias pedagógicas: territorios de (re)existencias en la formación docente

Resumen

El texto se centra en la discusión sobre la narrativa como territorio de (re)existencias docentes, fundadora de otros saberes y pedagogías en la vida cotidiana de la escuela. La discusión parte de la idea de construir redes de formación a partir de principios que inscriben los saberes de la experiencia en el proceso de narrar la vida-profesión desde la horizontalidad, alteridad, inclusión y autoría docente. El trabajo se realizó desde los enfoques epistemopolíticos con la Documentación Narrativa de la Experiencia Pedagógica a partir de los estudios realizados por Suárez (2007) y, sobre todo, por la búsqueda de otras epistemologías (Santos, 2010) que se inscriben en narrativas de (re)existencias. Es una investigación narrativa con profesores de Educación Básica en Bahía/Brasil. El texto dialoga con los procesos de construcción de las narrativas de experiencias pedagógicas en redes de formación a partir de las aproximaciones con las teorizaciones de Santos sobre las ecologías del conocimiento, las traducciones interculturales y la artesanía de la práctica que entrelazan la construcción de otra política del conocimiento.

Palabras clave: narrativas de (re)existencias; experiencias pedagógicas; formación de profesores; educación básica

Narratives of pedagogical experiences: territories of (re)existence in the formation of the teacher

Abstract

The text focus on the discussion about the narrative as a territory of teachers' (re)existence, founder of other kind of knowledge and pedagogies in the school's routine. The discussion is based on the idea of building network formation dictated on principles that inscribe the knowledge from experience in the process of narrating the life-profession from a perspective based on horizontality, alterity, inclusion, and teacher's authorship. The work was held from political epistemological approaches with the Documentation Narrative of Pedagogical Experience based on the studies made by Suárez (2007) and, mainly, by search of other epistemologies (Santos, 2010) that are inscribed in the narratives of (re)existence. It deals with narrative research with teachers of Basic Education from Bahia/Brazil. The text interacts with the building process of narratives of pedagogical experiences in network formation from the approaches with Santos' theorizations regarding the ecologies of knowledge, the intercultural translations, and the artisanal of practice that interwoven the building of another politic of knowledge.

Keywords: narrative of (re)existence; pedagogical experiences; formation of the teacher; basic education

Introdução

Este texto aborda a discussão acerca das narrativas de experiências pedagógicas como território de (re)existências docentes fundadoras de outras políticas de conhecimento no cotidiano da escola. O trabalho é inspirado em teorizações apresentadas por Santos (2000) ao problematizar a constituição do pensamento moderno na sociedade contemporânea, fortalecido por uma epistemologia monocultural denominada de *razão indolente*, em que o conhecimento científico ocupa a centralidade, gerando o *desperdício da experiência*. Assim como, parte de estudos realizados por autores/as da América Latina que tomam a narrativa como uma base epistemopolítica na produção de (re)existências que se instauram a partir dos saberes da experiência construídos pelos/as docentes.

Ao tratar da experiência no contexto educacional, aproximamo-nos das ideias de Santos (2019) ao trazer à tona a concepção de experiência como um *gesto vivo* em que não há como separar a experiência em si do sujeito que a vive. Nessa direção, entendemos a noção de experiência pedagógica como abertura ao vivido, ao saber-com, à produção da diferença, da heterogeneidade e da ruptura com as racionalidades técnicas e colonizadoras do sistema educacional que seleciona e hierarquiza os saberes escolares.

Mais especificamente, Contreras (2011) nos ajuda a pensar a experiência na relação com a formação docente ao tratar do saber da experiência a partir dos princípios da alteridade. O autor afirma que é na experiência que nasce a inquietude pedagógica, a busca pelo sentido e, diante disso, nos convoca a conceber a tarefa educativa/pedagógica como experiência a partir da ideia de acontecimento. Assim, a experiência pedagógica convida os docentes a narrar a vida como acontecimento vivido de forma singular e irrepitível, produtora de saberes que levam os sujeitos da experiência a (trans)formação.

A partir do princípio que rege a monocultura do saber² que hierarquiza os conhecimentos e elege a ciência

moderna como critérios de verdade, cunhada na lógica do saber formal/colonizador, as experiências pedagógicas são tomadas como modos de produção de não-existência nas disputas de narrativas no cenário educacional. Há uma invisibilização da experiência pedagógica na construção dos conhecimentos educacionais e das propostas curriculares oficiais, tornando-se uma das formas de conhecimento negligenciado pela modernidade cientificista que resulta de “uma arrogância em não se querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca, apenas porque está fora da razão com a que a podemos identificar e valorizar” (Santos, 2006, p.785). Nesta lógica, esta experiência que é um *gesto de vida* da escola, torna-se um saber residual.

Na contramão deste pensamento monolítico, entendemos que a experiência toma centralidade no processo de narrar a vida-profissão a partir de territórios das existencialidades docentes. A experiência narrada vai *traduzindo* inteligibilidades nos modos que cada docente habita a profissão em diferentes espaços, tempos e subjetividades, desvelando saberes pedagógicos que constituem as fissuras do/no processo educativo. Na Educação, o paradigma narrativo assenta-se na perspectiva das *epistemologias do Sul*³ (Santos e Meneses, 2009), alterando os modos de conceber o conhecimento ao trazer à tona o mundo da vida escolar em suas diversas faces. A narrativa instaura-se como uma nova episteme a partir da ruptura com o paradigma das ciências modernas, descolando o sujeito da relação colonial com o conhecimento científico, baseando-se em uma das teses que sustenta o giro do conhecimento científico proposto por Santos (2000), a partir do paradigma emergente da ciência, que defende que *todo conhecimento é autoconhecimento*, ressaltando o caráter auto-biográfico e auto-referenciável da ciência.

A partir das ideias de Santos sobre o caráter epistemológico das diferentes formas de conhecimento, entendemos que a narrativa é uma das “diversas constelações de conhecimentos que as pessoas e os grupos produzem e utilizam em campos sociais concretos” (Santos, 1996, p.326). Assim, as narrativas pedagógicas ocupam um lugar de ruptura e insurgência no

² Monocultura do saber é uma das cinco lógicas de produção da não-existência. Ela consiste na “transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente. Tudo o que o cânone não legitima ou reconhece é declarado inexistente” (Santos, 2006, p. 787).

³ Conceito, elaborado por Santos em 1995, que designa a diversidade epistemológica do mundo, tendo o Sul como um campo de desafios epistêmicos de reparação dos danos e impactos causados pelo pensamento colonial (Santos, 2010).

campo educacional por representarem territórios de disputas por outras políticas de conhecimento. Tratam-se de saberes inscritos em outros paradigmas, cuja epistemologia constitui-se nas fissuras das (re) existências construídas no cotidiano escolar.

Ao trabalhar e realizar pesquisas com professores da Educação Básica há mais de vinte anos, percebo que a vida nas escolas têm sido pauta de escritas (auto) biográficas em diferentes abordagens. Esta é uma tradição epistêmico-metodológica-formativa que vem se tornando comum no Brasil, especialmente no Estado da Bahia. Nessa direção, Rios (2020) ao realizar um estado da arte das pesquisas sobre a Profissão Docente na Educação Básica, no período de 2008 a 2017, identificou que, dentre os trabalhos encontrados na Bahia, 45% utilizam a narrativa como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas educacionais e os sentidos produzidos sobre elas; assim como um dispositivo de pesquisa-formação, instituindo o ato de narrar como parte do movimento formativo. As narrativas de professores passaram a disputar um modo próprio de conhecer e pesquisar a partir de bases epistemo-metodológicas que operam com a narratividade na investigação educativa. Assim como, narrar a vida-profissão ocupou um papel fundante na formação de professores/as, ao conceber a experiência como elemento essencial na constituição dos saberes produzidos no cotidiano da escola. Como afirma Bolívar (2002, p.4), “[l]a narrativa no solo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad [...] en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento”.

Atualmente, ao investigar como os professores têm habitado a profissão docente na Educação Básica na Bahia/Brasil⁴, temos percebido que estes sujeitos têm ocupado o papel de atender a institucionalização da carreira, não assumindo o lugar de autoria dos processos, dos materiais didáticos, dos saberes produzidos nesta área. É nesse cenário que situamos a Pesquisa Profissão docente na Educação Básica da Bahia que vem sendo desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO a partir das redes de pesquisa-formação,

com o intuito de cartografar narrativamente experiências pedagógicas construídas nas escolas. Partimos da concepção da cartografia como possibilidade de mapear subjetivamente territórios existenciais.

Com esta intenção, buscando articular parcerias institucionais com o objetivo de constituição de coletivos de professores/as narradores/as na busca pelos saberes das experiências produzidos pelos protagonismos construídos no mundo escolar. Assim, aproximamo-nos da proposta da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica, desenvolvida por Suárez (2007) junto ao *Grupo Memória Docente e Documentação Pedagógica da Faculdade de Filosofia e Letras (UBA)*. A documentação Narrativa de Experiência Narrativa é um dispositivo de pesquisa-ação-formação que potencializa a criação, o desenvolvimento e a consolidação de coletivos e redes docentes conformados em torno da reconstrução narrativa da experiência pedagógica, promovendo a constituição de comunidades de práticas a partir de princípios da horizontalidade, da alteridade e das autorias docentes. O dispositivo consiste em tornar público sentidos e significados construídos pelos docentes no movimento de narrar, ler, reescrever e comentar as experiências vivenciadas no cotidiano escolar. A pesquisa-formação desenvolvida com professores da Educação e investigadores baseou-se nas narrativas de experiências construídas no cotidiano da profissão docente que foram validadas como saberes pedagógicos entre pares. Narrativas que traduziram um movimento de (re)existências em diálogos tecidos a partir dos modos de habitar a profissão docente na pluridiversidade.

Apresento a seguir um recorte do trabalho que realizamos no Brasil, no Estado da Bahia, com a pesquisa narrativa em redes de formação. Os pontos inicialmente apresentados nos permitem ampliar e discutir a relação entre a narrativa e os processos de formação de professores inspirada nas discussões de Santos (2010, 2019) sobre as *ecologias dos saberes* que assentam-se no combate às produções de não-existências construídas pela lógica da Ciência moderna. Considerando que a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas configura-se como um dispositivo epistemopolítico no processo de re-construção do saber pedagógica a partir dos coletivos docentes, buscamos aproximar o trabalho realizado nas redes de formação com os movimentos que compõem as ecologia dos saberes. O primeiro movimento consiste na identificação da diversidade

⁴ Pesquisa financiada pela Chamada Universal MCTI/CNPq nº 28/2018, aprovada pelo Comitê de Ética da UNEB, através do Parecer nº 1.231.920.

de saberes que podem revelar diferentes lutas de legitimidade; o segundo foi realizado de acordo com as aproximações com a proposta da *tradução intercultural* destes saberes, a partir da construção das inteligibilidades recíprocas, revelando o potencial dos saberes insurgentes construídos na relação entre pares. E, por fim, o movimento das *artesanias das práticas* que corresponde ao desenho e validação destas experiências de (re)existências tecidas no documento pedagógico a ser publicado e publicizado no cenário educacional como outras epistemologias que compõem o mundo escolar.

Narrativas pedagógicas: ensaios de traduções interculturais dos/nos coletivos docentes

O cotidiano das escolas básicas é construído a partir de uma rede de sentidos, saberes e experiências que se entrecruzam de diferentes formas no processo de constituição da docência. Narrar o vivido neste espaço a partir das experiências de professores representa retomar a escola como ela é, recriando os sentidos sobre os processos de formação e suas práticas curriculares. Acreditamos que a narrativa é um ato de reconfiguração da profissão, um ato discursivo de encontros e disputas autorais sobre a docência na Educação Básica, uma vez que surge em uma perspectiva decolonizadora que permite, a partir da sociologia das ausências, uma espécie de *arqueologia das existências invisíveis* (Oliveira, 2006). Assim como, é um campo que instaura uma outra política de resignificação das identidades profissionais docente que surge como forma de resistir às políticas de regulação tecnocrática e neoliberal que envolvem a Educação.

Aqui vale destacar a (re)existência como um elemento constitutivo do paradigma narrativo na Educação por considerá-la como categoria político-epistemológica capaz de proporcionar a reescrita da gênese do sistema educacional colonial que hierarquiza e seleciona o que dizer nas narrativas escolares. Ela é entendida a partir do desvelamento das lutas contra a legitimação desigual dos saberes, transformando-os em *trocadas de autoridade partilhada* (Santos, 2006). Partimos do princípio que a narrativa se instaura na Educação como um ato político, uma vez que os sujeitos se posicionam diante da realidade, do outro e do próprio conteúdo narrado. Assim, constroem narrativamente políticas de sentidos que se assentam em comunidades interpretativas

que traduzem saberes e práticas de modo a credibilizar novas inteligibilidades. O trabalho de tradução, proposto por Santos (2006, p.779) consiste em um procedimento capaz de “criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis sem destruir sua identidade”.

A narrativa pedagógica, por sua natureza política, experiencial formativa e plural se constitui como parte de uma constelação de conhecimentos do cotidiano escolar que compõe o que Santos (2010, p.154) intitula de *ecologia de saberes*, uma vez que baseia-se em um dos seus pressupostos fundantes que é que a “reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstracto, mas nas práticas de reconhecimento e seus impactos noutras práticas sociais”. Para o autor, a ecologia pauta-se no reconhecimento da pluralidade de saberes heterogêneos e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles. Nesse sentido, o conhecimento é entendido como interconhecimento, reconhecimento e auto-conhecimento.

No caso específico da pesquisa-ação-formação que realizamos, inspirada nos princípios da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica, a proposta consistiu em mobilizar uma outra geopolítica do conhecimento em que a formação em rede convocou professores e pesquisadores a reposicionarem-se no processo de construção do saber pedagógico. Em uma virada narrativa-pedagógica, o trabalho consistiu em trazer à tona as invisibilidades do cotidiano escolar a partir do protagonismo docente. Conforme Suárez (2007),

La relevancia que adquiere la documentación narrativa de las propias experiencias escolares por parte de los docentes radica en el enorme potencial que contienen estos relatos pedagógicos, para enseñarnos a interpretar el mundo escolar desde el punto de vista de sus protagonistas. De esta manera, al tejer sus narraciones, los docentes nos comunican su sabiduría práctica y, al mismo tiempo, permiten a otros destejerlas para volver explícito lo implícito y comprender qué hay detrás de esa sabiduría. Es decir, la narrativa estructura la experiencia, y los relatos son una forma de conocerla, reflexionar sobre ella, transmitirla y compartirla con otros (p.16).

A partir desta compreensão acerca da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica, sobretudo, pelo papel epistemopolítico que assume diante dos saberes produzidos pelos docentes, construímos nosso trabalho elegendo os saberes da experiência como elemento fundante para entender a experiência como categoria

de diferença, da alteridade e de acontecimento, cuja compreensão reside em relacionar o saber da experiência com os sentidos sobre a própria existência pessoal e coletiva da docência. No caso específico da experiência pedagógica, ela acontece de forma encarnada no cotidiano escolar, na (re)existência de cada professor. É a apropriação do mundo escolar de forma singular e irrepetível pelo docente.

A escola é cheia de histórias em que o professor é o ator e autor desta trama narrativa. As narrativas configuram um modo particular de compreender e interpelar o mundo escolar e o ato pedagógico a partir do saber da experiência. Conforme Contreras (2013, p. 129), o saber da experiência “es un saber paradójico, ya que a la vez que es un saber sedimentado en lo vivido, y que proporciona un bagaje y una orientación para la acción, sin embargo, es un saber siempre naciente, un saber siempre en renovación, [...]”. Para o autor, é um saber aberto às transformações exigidas pela realidade educacional. É nesse sentido que compreendemos o saber da experiência como um conhecimento emergente, constitutivo das narrativas de experiências pedagógicas.

No intuito de nos aproximar dos pressupostos das *epistemologias do Sul*, iniciamos a pesquisa-formação com os docentes da Educação Básica através da produção da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas com/na diversidade. A formação começou com o desenvolvimento de *Giros Narrativos* que se constituíram como espaços dialógicos acerca do paradigma narrativo e suas interfaces com as experiências pedagógicas que habitam o mundo escolar. Os *Giros* tinham por objetivo promover viradas epistemopolíticas acerca do pensamento pedagógico que rege a construção do saber escolar legitimado. Em paralelo a este momento, iniciamos as *Tessituras Narrativas*, oficinas que visavam *produzir narrativamente a Educação* (Contreras, 2016) a partir de escritas, leituras, comentários, debates, reflexões, reescrituras das experiências pedagógicas. A ideia de tecer outros saberes mobilizou o grupo na construção de outras teias de sentidos sobre o cotidiano escolar e na produção da edição pedagógica coletiva do documento narrativo que foi publicado e publicizado no *Conversatório*.

Como cheguei até aqui? Essa foi a consigna que iniciou a formação com os/as docentes. Os professores trouxeram suas redes de pertencimentos para a escrita,

buscando articular tempos e espaços que coabitam a relação com a profissão docente. No primeiro momento, a ideia foi identificar a experiência a ser narrada e a potencialidade de saber revelado naquela construção. Nesse caso, o professor narrador escolheu um registro da memória pedagógica traduzida a partir da interpretação que o próprio narrador imprime sobre a sua vida-profissão. O acervo narrativo foi considerado uma espécie de mapa narrativo de experiências e saberes sobre a escola e suas práticas pedagógicas. Saberes invisibilizados que vêm à tona na relação com aquilo que cada um elege como fundante em sua prática educativa. O trabalho foi desenvolvido a partir do movimento do círculo hermenêutico de escrever, ler, comentar e reescrever.

Em coletivos de narradores, esta experiência foi interrogada, interpretada e discutida entre pares (professores e investigadores), instaurando o que consideramos como *ensaios de tradução intercultural* das experiências pedagógicas. O trabalho configurou-se como uma experiência coparticipativa entre professores e investigadores que debatiam, comentavam, *traduziam* as inteligibilidades coletivas das narrativas pedagógicas a partir da produção de *coconhecimentos*.

A tradução intercultural surge aqui como elemento que se articula entre práticas de saberes e seus agentes, uma vez que “[o] tipo de transformação social que a partir dele pode construir-se exige que as constelações de sentido criadas pelo trabalho de tradução se transformem em práticas transformadoras” (Santos, 2006, pp. 814-815). O trabalho com a tradução intercultural, neste caso específico, articula-se com os sentidos produzidos sobre o mundo escolar a partir das comunidades interpretativas em que ele se articula, visando um processo de auto/co/conformação entre pares. O trabalho com as narrativas pedagógicas aproxima-se desta perspectiva à medida que convoca professores e investigadores para leitura, discussão e validação da experiência narrada com a comunidade docente. E, a partir do princípio de horizontalidade e alteridade, estas experiências são discutidas no espaço das *tessituras narrativas* em que cada um/a é a tradução do outro. Nesse sentido, a narrativa situa-se no lugar de construção de (re)existências coletivas em busca da legitimação do saber da experiência, tradicionalmente rechaçado pela *razão indolente* da ciência moderna, dando-lhe abertura para a subjetividade, a incerteza, a

provisoriamente que atravessa essa produção de conformação em redes.

A documentação narrativa de experiência pedagógica desenvolve-se na formação de redes e coletivos de docentes voltadas para o fortalecimento de um movimento pedagógico emancipador latinoamericano que vem se constituindo a partir da diversidade de experiências pedagógicas que se inscrevem em um mobilização intelectual e política como formas de resistência às reformas neoliberais e tecnocráticas da educação promovidas desde os anos de 1980. O objetivo da documentação, como um dispositivo de investigação-ação-formação, reside em “sentar bases para la constitución de *colectivos o comunidades de docentes escritores y lectores de experiencias pedagógicas* [...] para problematizar y recrear el lenguaje y el pensamiento pedagógicos, en virtud de la construcción y reconstrucción narrativa y reflexiva de la experiencia escolar” (Suárez, 2007, p.35).

É no movimento interpretativo, na relação experiência/sentido, que aproximamos nossa discussão dos processos de *tradução* das inteligibilidades dos saberes mobilizados no entrecruzamento das narrativas individuais e suas (sub)versões coletivas. Com a tradução das experiências pedagógicas no coletivo de professores/as da Educação Básica e de pesquisadores emergiram narrativas mestiças, as quais mobilizaram a tarefa metacognitiva das epistemologias do Sul a partir da horizontalidade dos saberes, uma vez que se tornam *coconhecimento* oriundo do *conhecer-com* e não *conhecer-sobre*. Nesse sentido,

A tradução intercultural é uma dimensão do trabalho cognitivo coletivo sempre que estão presentes ecologias de saberes, trocas de experiências, avaliação de lutas (próprias e alheias), escrutínio do conhecimento que os grupos sociais dominantes mobilizam para isolar ou desarmar os oprimidos. O trabalho da tradução intercultural tem uma dimensão de curiosidade, de abertura a outras experiências, mas é uma curiosidade que não nasce por curiosidade diletante, nasce por necessidade (Santos, 2019, p. 60).

Na contramão da racionalidade, assentada no paradigma dominante, surgem as disrupções produzidas nas emergências, na coletividade, nas redes construídas pelos docentes na interação com o mundo escolar. A metáfora da rede ocupa lugar nesta discussão por entendermos que ela rompe com a hierarquização dos

saberes e torna-se um território intersticial composto não apenas de epistemologias, mas de ontologias e cosmologias acerca das formas de compreender, ser e viver a profissão docente. As redes tecidas pelas narrativas de experiências pedagógicas entre professores e investigadores constituem, ao mesmo tempo, uma estratégia de resistência a proposta colonizadora da formação e uma experiência alternativa de vínculo entre diversos atores/atrizes do campo pedagógico, gerando comunidades interpretativas, plurais, democráticas e transformadoras. A proposta é mobilizar uma outra geopolítica do conhecimento em que a formação em rede convoca cada professor e pesquisadores a repositionarem-se no processo de construção de uma ecologia de saberes. Conforme Suárez (2015), no trabalho com a documentação narrativa de experiências pedagógicas, os coletivos de docentes narradores constituem espaços horizontais de formação que combinam instâncias coletivas e individuais que problematizam e recriam o pensamento pedagógico.

Com esse movimento em redes de formação, buscamos nos aproximar das reflexões sobre as *artesanias das práticas* educativas produzidas a partir dos pressupostos da ecologia dos saberes no processo de entrecruzamento dos conhecimentos artesanais desvelados na produção da documentação das narrativas de experiências pedagógicas.

Artesanias das práticas no movimento das redes de formação

O desafio que assumimos com a proposta de cartografar narrativamente as experiências pedagógicas constituiu-se como um projeto coletivo de busca por autorias docentes no contexto da Educação Básica, sob o marco de uma ruptura *da razão indolente*, a partir da legitimação dos saberes construídos envolvendo as *artesanias de prática* educativas. Com as escritas das narrativas pedagógicas dos/as professores/as apostamos na construção de uma virada epistemopolítica, assentada em uma produção entrecruzada pelo conhecimento científico e o *conhecimento artesanal*.

Ao tratar do conhecimento artesanal, retomo inicialmente a noção da narrativa apresentada por Benjamin (1995) ao sinalizar que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, tendo o/a narrador/a suas raízes no povo, nas camadas artesanais. Nessa relação,

o/a narrador/a imprime suas marcas no ato de narrar a vida, deixando-as na experiência narrada. E assim, o autor questiona, na relação artesanal entre o narrador e sua matéria, se “não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a própria e a alheia – transformando-a num produto sólido, útil e único” (Benjamin, 1995, p. 221).

Ao trazer esta discussão para a Educação, concebemos a narrativa pedagógica como o tear da experiência artesanalmente construída no processo em que os saberes são edificados a partir das práticas educativas elaboradas em redes de formação. O professor narrador e/ou o coletivo de professores narradores assumem o lugar do *artesão* que produz seus saberes no processo de rupturas com os conhecimentos homogêneos produzidos sobre a escola. Nesse cenário, o trabalho com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas integra, como um dispositivo de investigação-formação-ação, o movimento latinoamericano de resistência às reformas tecnocráticas e neoliberais ocorridas na Educação ao longo desses últimos quarenta anos. O movimento acontece no processo de construção de redes e coletivos docentes que também se faz militantemente, uma vez que está “comprometida con una intervenció*n política* en campo pedagógico, escolar y académico; en el territorio en el que se dirime la legitimidad de ciertos discursos y las prácticas educativas y en el que se cristalizan relaciones de saber y poder entre sus miembros” (Suárez, 2011, p.55).

Na discussão sobre as ecologias dos saberes, na crítica ao imperialismo cognitivo, Santos (2019) apresenta a *artesanía das práticas* como o desenho e a validação das práticas de luta e de resistência. O conhecimento artesanal é entendido como a dimensão cognitiva dessas práticas. É um conhecimento performativo, coletivo e produzido através de uma autoridade partilhada. Na relação construída na pesquisa-formação realizada com a Documentação narrativa partimos da premissa do pensamento pós-abissal da diversidade epistemológica do mundo para reconhecer o saber da experiência, tomado aqui como *conhecimento artesanal*, produzido no cotidiano das práticas educativas.

Para o conhecimento artesanal, inscrito nas Epistemologias do Sul, os docentes narradores representam o mundo escolar como seu e nos seus próprios termos. Assim, entrecruzam experiências construídas individual e coletivamente na escola a partir das artesanias

das práticas educativas que são desenhadas invocando outros movimentos (trans)formativos. As experiências narradas ganham centralidade na reconstrução do saber pedagógico, na ativação da memória da escola e na intervenção no campo educativo. Ao narrar as experiências pedagógicas a partir das *artesanias da prática* são tecidos saberes que desvelam outras ontologias nos modos de ser professor/a. Instaure-se um movimento de copresença e copertença nas formas de conhecer o mundo escolar a partir do que é construído nas fissuras do sistema educacional.

No trabalho com a auto/co/conformação, gestado a partir de princípios da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, realizado pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO, no Brasil, percebemos que as artesanias da prática representam e visibilizam pedagogias outras que atravessam o cotidiano da escola. Pedagogias insurgentes que se inscrevem em coletivos de lutas, em coletivos comunitários, coletivos de vida que integram à escola, na relação experiência-sentido. Ao tratar dos modos como os/as professores/as habitam a profissão docente na relação com a diversidade, as experiências eleitas, comentadas, discutidas, validadas como saber foram traduzidas a partir de movimentos de (re)existências dos cotidianos da escola-vida.

É a partir dos modos de viver, posicionar-se e interpelar as narrativas institucionais que as narrativas de (re)existências se instauram. Estas narrativas são forjadas no cotidiano da profissão a partir das zonas de invisibilidade que atravessam o trabalho docente. As narrativas docentes interpelaram as narrativas institucionais em relação ao *não-lugar* dos/as professores/as nas discussões e decisões sobre a reconfiguração da escola. As rupturas foram construídas em movimentos de aprendizagens contínuas, inscritas nos corpos que territorializam a profissão. Apresento abaixo um trecho de um dos documentos narrativos em que Pereira (2020) aponta a dimensão da ancestralidade como fundante nos modos que habita a profissão. Ela narra a experiência como prática de sua (re)existência na profissão, escolhendo a experiência vivida com a Pedagogia Griô⁵ como aquela que a tocou e a fez transpor de

⁵ Esta pedagogia, representada pela Pedagogia Griô, instaura-se no Brasil como uma proposta de vivência afetiva e cultural que interage “saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que têm como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida” (Pacheco, 2006, p. 86).

uma perspectiva do conhecimento regulatório/indolente para um conhecimento em roda/rede que enreda sabedorias e convoca encantamentos para o cotidiano da escola.

Alinhavando Pedagogia Griô, tradição oral e ancestralidade consegui trazer para a minha prática em sala de aula o encantamento proporcionado pela tradição oral através de músicas, histórias de luta e muitos textos orais que trazemos na memória. Uma experiência que me permitiu desconstruir uma mentalidade cartesiana, que norteava a minha prática profissional e, ao mesmo tempo, construir uma mentalidade mais humana, condizente com a profissional que fui me tornando a partir do meu processo formativo na Pedagogia Griô. [...] E assim começo minha aula, convido a todos para a roda da benção, onde peço a benção a minha avó Ana, a professora que marcou minha trajetória enquanto mãe, professora, mulher, negra. Utilizo a expressão amor ao próximo para definir esta professora (Mãe Ana–Amor) e solicito que todos do grupo tragam para a roda uma professora/professor que marcou sua vida acompanhada de uma palavra que o/a define. Após estes momentos de encantamento e benção, apresentei o tema gerador para discussão daquele encontro. Utilizo o “Encontro dialógico” como metodologia para facilitar o diálogo com a turma sobre o tema proposto. Iniciei este momento com uma fala de abertura, cantiga e dança e finalizei com uma grande roda de produção partilhada e despedida cantando uma ciranda. [...] A partir desta prática pedagógica, a aula acima descrita, compreendi que na roda de encantamento todos narram oralmente as experiências vindas à memória naquele momento. Todos assumem o papel de narrador, contador da sua própria história, compartilhando suas experiências de pessoa para pessoa e, assim, valorizando a tradição oral. Além disso, compreendi também que nas rodas de encantamento e de benção, as cantigas, cirandas e danças que aprendi com outros Griôs que passaram por minha vida foram trazidos para esta aula e seus saberes foram compartilhados com outras gerações através de mim, que um dia também poderei ser considerada Griô por alguém, mas que neste momento da aula promove um diálogo intergeracional e, além disso, convoca as vozes da ancestralidade para o centro da roda (Pereira, 2020, p.77-79).

Pereira traz para o centro da discussão outras epistemes que entrecruzaram a vida e profissão docente. O processo de traduzir a própria experiência, reposicionou a docente na construção dos saberes-vida traduzidos a partir das artesanias das práticas educativas. Na ecologia dos saberes cruzam-se conhecimentos que são construídos na relação com as formas singulares que são construídas estas práticas no cotidiano das escolas.

O processo vivido em rede por investigadores e professor com esta experiência coletiva de reconstrução dos saberes pedagógicos foi fundamental para repensar os movimentos hegemônicos de formação de professores, uma vez que viver a auto/co/conformação construída no entrelaçar dos saberes da experiência mobilizou um fazer coletivo que entrecruza, transversaliza e horizontaliza distintas formas de conhecer.

Palavras finais

As discussões apontadas nesse texto revelam sinalizações e entrecruzamentos epistemopolíticos realizados com as narrativas pedagógicas no contexto escolar, a partir do lugar de construção de resistências ao *desperdício da experiência*. É desse lugar que me encontro implicada na realização da pesquisa-formação que o Grupo de Pesquisa DIVERSO desenvolve com o coletivo baiano de professores/as narradores/as, vinculados à Rede FORMAD, inspirado no trabalho desenvolvido a partir da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas.

A apresentação inicial dessa experiência vivenciada nessa pesquisa-formação foi um exercício de autoreflexão formativa sobre as formas de *coconhecer*. Nesse movimento, as aproximações com as epistemologias do Sul, sobretudo com a relação com a ecologia de saberes foram fundamentais para “construir novas habitações para pensar e agir” (Santos, 2019, p. 34).

No movimento de pensar/viver a formação pela experiência, acreditamos que as narrativas pedagógicas como territórios de (re)existências na Educação Básica se inscrevem na abertura da pluriversidade dos saberes construídos em redes/coletivos que traduzem a vida em conhecimentos nascidos de lutas, de gestos vitais que são materializados em práticas artesanais singulares legítimas que dão sentido à escola. Acreditamos também em uma formação como gesto vital, responsiva com a reconstrução da escola e atenta às comunidades plurais de identidades profissionais docentes que habitam a profissão.

Referências

- Benjamin, W. (1995). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Brasiliense.
- Bolívar, A. B. (2020). “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 4(1), 1-26.
- Contreras, J. D. (2011). Experiencia, escritura y deliberación: explorando caminos de libertad en la formación didáctica del profesorado. En A. Alliaud y D. H. Suárez (Coords.), *El saber de la experiencia: narrativa, investigación y formación docente*. 1ª ed. Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO.
- Contreras, J. D. (2013). El saber de la experiencia en la formación inicial del profesorado. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 78, 125-136.
- Contreras, J. D. (2016). Profundizar narrativamente la enseñanza. En I. Braganca, I. M. E. Abrahao y M. Ferreira (Orgs.), *Perspectivas epistémico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Editora CRV.
- Oliveira, I. B. (2006). *Boaventura & a Educação*. Autêntica.
- Pacheco, L. (2006). *Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*. Grãos de Luz e Griô.
- Pereira, L. A. (2020). O bordado de uma professora que saiu do armário. En AA. VV. *O que narram pesquisadoras/as e estudantes da pós-graduação do DIVERSO: experiências pedagógicas da profissão docente*. UNEB. <http://www.observatoriodocente.uneb.br/>
- Rios, J. A. V. P. (2020). Modos de habitar a profissão docente na Educação Básica: estado da arte das pesquisas na Bahia. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, 38(4), 1-24.
- Santos, B. S. (1996). Para uma pedagogia do conflito. En L. H. Silva (Ed.), *Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Sulina.
- Santos, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. Cortez.
- Santos, B. S. (2006). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. En B. S. Santos (Coord.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2ed. Cortez.
- Santos, B. S. (2010). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3ed. Cortez.
- Santos, B. S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica Editora.
- Santos, B. S. y Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Almeidina.
- Suárez, D. H. y Fonte, L. O. (2009). La indagación de los mundos escolares a través de la documentación narrativa de experiencias pedagógicas. Un aporte teórico y metodológico. *Cuadernos de educación*, Córdoba, VII(7), 55-67.
- Suárez, D. H. (2007). *¿Qué es la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas? Colección de Materiales Pedagógicos – Fascículo 2*. MECyT / OEA.
- Suárez, D. H. (2015). Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación. En E. C. Souza (Org.), *(Auto)biografías e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. EDUFBA.
- Suárez, D. H. y Argnani, A. (2011). Nuevas formas de organización colectiva y producción de saber pedagógico: la red de formación docente y narrativas pedagógicas. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, 20(36), 43-56.